

A virada não humana na comunicação: contribuições da Teoria Ator-Rede e da Ontologia Orientada aos Objetos

*The Non-Human Turn in Communication:
Contributions From Actor Network Theory
and Object Oriented Ontology*

Tiago Barcelos Pereira Salgado

Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com bolsa CAPES. Pesquisador associado ao Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (NucCon), afiliado ao Centro de Convergência de Novas Mídias (CCNM/UFMG).
Email: tigubarcelos@gmail.com

Submetido em: 06/06/2018

Aceito em: 13/08/2018

RESUMO

O texto apresenta contribuições de abordagens inscritas na “virada não humana” nas humanidades e nas ciências sociais – Teoria Ator-Rede (TAR) e Ontologia Orientada aos Objetos (OOO) – para propor uma concepção não antropocêntrica de comunicação. Ao revisar a literatura, sustenta que humanos e não humanos agem de modo irreduzível e simétrico, conforme os princípios apresentados pela TAR para pensar os atores, e a concepção correlativa de objetos pela OOO. Com base nas quatro tensões entre objetos e qualidades (reais ou sensuais) desta última abordagem, as relaciona com a noção de meio, e considera que a condição midiática, configurada por tais tensões, pode instaurar uma condição comunicacional. O artigo propõe considerar, a partir da TAR, a comunicação como sociotécnica ou híbrida ao tratá-la como ação comum em que há contato e contágio. De modo não antropocêntrico, desloca, como o fazem a TAR e a OOO, o humano do centro da ação, e inclui os não humanos como capazes de agir, interagir e comunicar.

PALAVRAS-CHAVE: *Comunicação; Meio; Ontologia orientada aos objetos; Teoria ator-rede; Virada não humana.*

ABSTRACT

The text presents contributions of approaches inscribed in the “non-human turn” in the humanities and social sciences – Actor-Network Theory (ANT) and Object-Oriented Ontology (OOO) – for the non-anthropocentric conception of communication. Through a literature review, the article maintains that humans and nonhumans act irreducible and symmetrically, according to ANT principles to think about actors and the notion of object formulated by OOO. Based on the four tensions between objects and qualities (real or sensual) proposed by OOO, the article relates them to the notion of medium and considers that that the mediatic condition configured by such tensions could establish a communicational condition. By understanding communication as a common action in which there is contact and contagion, the text proposes to treat this process as sociotechnical or hybrid, in a non-anthropocentric way, shifting the human from the center of action, as do ANT and OOO, and including nonhumans as capable of acting and interacting.

KEYWORDS: *Communication; Medium; Object-Oriented Ontology; Actor-Network theory; Non-Human Turn.*

RESUMEN

El texto presenta contribuciones de enfoques que se inscriben en lo “giro no humano” em las humanidades y las ciencias sociales – la Teoría del Actor-Red (TAR) y la Ontología Orientada a los Objetos (OOO) – para proponer una concepción no antropocéntrica de comunicación. Por medio de revisión de literatura, sostiene que humanos y no humanos actúan irreductible y simétricamente, de acuerdo con los principios presentados por la TAR para pensar los actores, y la concepción correlativa de objetos por la OOO. Con base en las cuatro tensiones entre objetos y cualidades (reales o sensuales) de este último abordaje, las relaciona con la noción de medio, y considera que la condición mediática, configurada por tales tensiones, puede instaurar una condición comunicacional. El artículo propone considerar, a partir de la TAR, la comunicación como sociotécnica o híbrida al tratarla como acción común en la que hay contacto y contagio. De modo no antropocéntrico, desplaza, como lo hacen la TAR y la OOO, el humano del centro de la acción, e incluye a los no humanos como capaces de actuar, interactuar y comunicar.

PALABRAS CLAVE: *giro no-humano; comunicación; medio; ontología orientada a los objetos; teoría del actor-rede.*

Introdução

As humanidades e as ciências sociais voltam sua atenção, de maneira mais enfática, ao final do século XX, para os não humanos. A “virada não humana” (Grusin, 2015) busca descentrar o humano em favor, sobretudo, de animais, sistemas geofísicos, materialidades e tecnologias. Não se trata de negar o humano, mas de conjugar sua ação com a dos não

humanos. Antes mesmo do século passado, conforme Nöth (2017), Charles S. Peirce (1839-1914), principalmente conhecido por seus trabalhos em semiótica e vinculados à filosofia pragmatista norte-americana, teria sido o precursor de tal virada ao se dedicar a compreender os humanos como animais, por meio da formulação do sinequismo e da semiótica da natureza, dos quais decorrem, posteriormente, a zoosemiótica e a biossemiótica. Há, desde Peirce, então, a partir da filosofia, a ideia de uma “virada não humana” nas ciências humanas e sociais, a qual se desdobra, depois, na sociologia, na antropologia, na psicologia e na comunicação.

Ao início do século XX, mais precisamente com a Conferência Introdutória à Psicanálise, intitulada “Fixação em Traumas – O Inconsciente”, proferida por Sigmund Freud (1856-1939), em 1917, a questão da prevalência do humano foi cindida tanto pela inauguração da psicanálise, com o questionamento do ego e de sua regência da conduta humana, quanto pela Revolução Copernicana e pelo Darwinismo. A partir da retomada do texto de Freud, “ao menos nas ciências humanas contemporâneas, o deslocamento dos humanos de seu lugar antropocêntrico está outra vez na pauta dos intelectuais” (Nöth 2017, p. 7). O impacto de uma virada não humana nas humanidades repercute, assim, no modo como o humano passa a ser concebido: em relação aos não humanos, não sendo de todo senhor de sua ação e nem o único capaz de agir e produzir sentidos.

As influências de Peirce e de Freud em outros autores das ciências humanas e sociais são destacadas por Nöth (2017), que também menciona os nomes de Gilbert Simondon (1924-1989), Jacques Derrida (1930-2004), Giorgio Agamben (1942-atual) e Brian Massumi (1956-atual) ao considerá-los, igualmente, como os precursores da virada não humana. Grusin (2015) destaca, por sua vez, além de Peirce, que reconhecia que humanos e não humanos operam segundo as mesmas leis de seleção natural, as influências de William James (1842-1910), também vinculado ao pragmatismo norte-americano, principalmente a partir da obra “Princípios de Psicologia”. Neste livro, James reconhece que os pensamentos, as emoções, os hábitos e as vontades humanas são inseparáveis de processos não humanos.

Na esteira de tais proposições, várias outras abordagens, como a Teoria Ator-Rede (TAR) (Bruno Latour e outros), a *Affect theory*, os *Animal studies* (Donna Haraway e outros), a *Assemblage Theory* (Gilles Deleuze, Manuel De Landa e outros), as *Brain sciences*, o Novo Materialismo, a Nova Teoria da Mídia, o Realismo Especulativo e a *Systems Theory* são categorizadas por Grusin (2015), ainda que com divergências teóricas, empíricas e

metodológicas, como afiliadas àquilo que ele nomeia “virada não humana”. Trata-se de proposições que buscam compreender o humano a partir do não humano.

Entre as abordagens que se centram nessa relação, optamos por selecionar a Teoria Ator-Rede (TAR) e a Ontologia Orientada aos Objetos (OOO), esta última derivada do Realismo Especulativo (RE), como sublinha Graham Harman (2013, 2018). Ambas foram escolhidas especificamente por serem incluídas na “virada não humana”, ao descentrarem o humano, reconhecerem a capacidade de ação não humana, e por apresentarem uma concepção de objeto que nos possibilita conceber a comunicação de maneira não antropocêntrica, isto é, não calcada em um sujeito de todo racional e ativo. A partir da TAR, então, como apresentaremos, podemos considerar que humanos e não humanos agem de maneira associada, e de maneira complementar, com base na OOO, que humanos e não humanos são objetos não limitados às suas relações. A OOO, como se verá, abarca a TAR e procura, em certa medida, superar suas insuficiências.

Em vista disso, o principal objetivo deste texto é caracterizar a relação entre humanos e não humanos ao tratá-los como “objetos”, segundo formulação da OOO, derivada da noção de “ator” para a TAR. O problema central desta proposta pode ser anunciado da seguinte maneira: como e em que medida a TAR e a OOO contribuem para uma concepção não antropocêntrica de comunicação?

Partimos da premissa de que ambas as abordagens reconhecem a capacidade de ação de humanos e não humanos, e não os tomam em separado, mas associados ou em tensão. Como hipótese, consideramos que na tensão entre objetos (reais ou sensuais) e suas qualidades (reais e sensuais), como propõe a OOO, configura-se aquilo que compreenderemos por “condição midiática”. Essa condição pode, então, instaurar uma condição comunicacional, pois entendemos que a comunicação é sociotécnica, cujas ações dessa dinâmica são comuns entre os elementos, tendo em vista que eles se encontram associados, em relação, em interação.

A fim de cumprir com o objetivo apresentado, este artigo está organizado em três seções. A primeira aborda e caracteriza a relação mútua entre humanos e não humanos como sociotécnica ou híbrida, uma vez que ambos podem ser tratados como atores ou objetos, de maneira associada e irreduzível, conforme as visadas da TAR e da OOO. Ao seguir pela noção de objeto, formulada pela OOO, que abarca e complementa a concepção de ator da TAR, a segunda seção aborda as quatro tensões que podem ser estabelecidas quando os objetos interagem.

Dessa interação, uma condição midiática é configurada. O meio (*medium*) é definido conforme os pressupostos imateriais da OOO. Com base na concepção quádrupla de objeto, recuperada por essa abordagem, a partir da obra “Ser e Tempo” de Martin Heidegger (1889-1976), bem como na noção de meio, proposta pela OOO, abordamos quando a comunicação, entendida como ação comum em que há contato e contágio, emerge da interação entre objetos. Discutimos as ideias de contato e contágio a partir da TAR e da OOO de modo a dosar ambas as contribuições e a propor que a condição midiática pode instaurar uma condição comunicacional. Por fim, na última seção, apresentamos considerações finais que retomam a relação entre “virada não humana”, condições humana e não humana, tensões entre objetos em interação, e as condições midiática e comunicacional.

As condições humana e não humana

Aquilo que nos constitui como humanos é a nossa relação com os não humanos, sobretudo com os objetos técnicos, considerados como elementos que agem e organizam relações entre seres humanos e ambiente (Akrich, 2010). A ação de vários não humanos, como animais, vegetais e minerais, independe da ação humana. Esta, contudo, é dependente daquela (Latour; Strum, 1986; Strum; Latour, 1987; Latour, 1994). Escrever um texto, por exemplo, só é possível pela associação entre autores, computadores, livros, eletricidade, cabos, mesa, cadeira, entre uma série de outros não humanos. Se alimentar é uma ação que demanda associação com pratos, utensílios de cozinha, alimentos, supermercados, veículos, entre outros não humanos.

Os não humanos foram outrora relegados a segundo plano no que se refere à sua capacidade de agir e fazer agir outros. Apenas os humanos eram considerados, tanto pela sociologia, quanto por outras áreas do conhecimento, como a filosofia e a antropologia, como aqueles que podiam agir, pois eram tratados como sujeitos (aqueles que agem, ativos), em contraste com os objetos (aqueles que sofrem a ação, passivos). A esse respeito, Bruno Latour – um dos principais nomes da Teoria Ator-Rede, juntamente com Michel Callon, John Law, Madeleine Akrich, Annemarie Mol e Antoine Hennion – os considera como as massas ausentes (*missing masses*) da sociologia (Latour, 1988, 1992), ou seja, como aquilo que faltava para que a análise da ação e daquilo que a possibilita fosse equilibrada, uma vez que o privilégio da

investigação sociológica recaia apenas sobre a ação humana, definidora do social (Latour, 2005).

Law e Callon (1997) ressaltam a irrupção dos não humanos nas ciências sociais ao enfatizarem que, desde a fundação delas, a oposição entre individual e coletivo as demarca, e serve de contraste e limite entre a sociologia e a economia. Essa irrupção, contudo, só se dá ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980, na França, com a elaboração da Teoria Ator-Rede, uma das vertentes das sociologias pragmáticas francesas (Dosse, 2003; Nachi, 2006). Essa abordagem, de acordo com Law e Callon (1997), ao adicionar os não humanos à balança sociológica, contribui para o abandono da fonte ou da origem da ação, aspecto que reconfigurou profundamente as Teorias da Ação durante aquele período. Antes, objetos, tecnologias e demais não humanos eram desconsiderados como explicação do social por parte das correntes iniciais da sociologia, em particular aquelas herdeiras de Émile Durkheim e Max Weber, que concebiam o social como *sui generis*, dado *a priori* e resultante apenas das interações humanas (Vries, 2016; Quintaneiro; Oliveira Barbosa; Oliveira, 2017).

A inclusão dos não humanos em pesquisas científicas (campos do conhecimento) não se restringe à sociologia, mas se estende para a antropologia, como pontua Houdart (2015). De acordo com essa autora, a expressão “não humano” descende da etnologia (estudo das culturas e das civilizações) e designa aquilo que os povos do mundo consideravam não eles mesmos, como deuses, animais e objetos técnicos. No esforço de investigar a razão ocidental, como destaca Houdart (2015), Latour utiliza o vocábulo “não humano” para evidenciar a complexidade de situações que sempre são simplificadas em função de não se atentar para outros atores que não apenas os humanos.

No caso da filosofia moderna, como esclarece Arnaut (2017), os objetos foram evitados em função do ceticismo de David Hume e de Immanuel Kant ao problema do ocasionalismo – a intervenção divina na ação dos seres. As visadas racionalistas e humanistas, de acordo com Corcuff (2001), são herdeiras das filosofias propostas por René Descartes e Immanuel Kant. Este último, conforme Meillassoux (2008), vinculado ao Realismo Especulativo, desenvolve uma apreensão de mundo correlacionista, de modo que a essência dos objetos (*beign*) só poderia ser apreendida do ponto de vista de um sujeito. Assim, ser e mundo só poderiam ser compreendidos em relação mútua. Esse princípio, adotado pelas filosofias correlacionistas ou filosofias do acesso (Meillassoux, 2008), é de ordem antropocêntrica e sobrepõe o humano

(sujeito) ao não humano (objeto). Com base nelas, de modo geral, as correntes tradicionais das humanidades e das ciências sociais conceberam a ação como propriedade exclusiva do ser humano. Esse fundamento, que sustentou a sociologia funcionalista, é herdado pela comunicação, como detalharemos no próximo tópico.

A Teoria Ator-Rede, quando pensada pela virada não humana, procura evitar o correlacionismo, e não privilegiar a racionalidade e a ação de humanos em detrimento da ação de não humanos. Desse modo, a TAR considera tanto uns quanto outros como atores, aqueles que agem e levam outros a agir (Latour, 2005). É em ação, entendida como associação entre humanos e não humanos, que o social é fabricado (Law, 1992; Latour, 2000, 2002, 2005). O social é, portanto, conforme propõe a TAR, na esteira do sociólogo francês Gabriel Tarde, o resultado temporário de associações humanas e não humanas; ele não é uma estrutura para a ação, mas aquilo que se forma em ação; ele não explica as coisas, mas é o que deve ser explicado (Latour, 2005).

Para a TAR, a ação é incerta e plural (Nachi, 2006), isto é, não sabemos, de antemão, quem pode agir e como pode agir. Desse modo, os atores são concebidos *in actu* ou *a posteriori* (Latour, 2005) e também dizem respeito a inovações, projetos e objetos técnicos. A partir da pluralidade e da incerteza das ações, a TAR considera que os objetos técnicos não são meras ferramentas, utensílios ou aparatos à serviço do humano, como meios para determinados fins ou objetivos intencionais, mas como mediadores, quer dizer, como atores que “fazem fazer” outros atores, transformando aquilo que é feito (Latour, 2005). A mediação que conta com objetos técnicos é aquela que os atrela aos humanos, isto é, aquela que diz respeito à associação híbrida.

A composição “humano/não humano” é o que Latour (1994) nomeia “híbrido”. Este termo visa explicitar a irredução das ações e dos atores, bem como as clássicas divisões modernas sujeito/objeto, natureza/cultura, micro/macro e individual/coletivo. Em outras palavras, atores são irreduzíveis uns aos outros, pois agem de maneira associada, e não isolada; atores são compostos, híbridos, seres de natureza-cultura (Latour, 1994, 2001, 2005). A ação é coletiva, distribuída em rede; ela não é reduzida a campos de força ou a estruturas (Latour, 2007). Por isso, o acrônimo TAR emprega a expressão “ator-rede”, cujo hífen evidencia que atores são redes – pois estas são compostas por vários outros atores –, e redes são atores, pois também agem e levam outros atores à ação.

Desse modo, ao considerar que humanos e não humanos agem em um mesmo plano de ação (Latour, 1994, 2005), a TAR confere simetria às análises sociais, quer dizer, reconhece que tanto humanos quanto não humanos agem. Essa ontologia plana não significa dizer que ambos agem da mesma maneira, pois, de fato, não se trata nem mesmo de especificar como um e outro agem, mas de considerar a ação conjunta deles, os quais são mutuamente irreduzíveis. Logo, não se é humano sem agência (capacidade de agir) não humana, como defende Callon (2008), para quem a ação humana ultrapassa o corpo, de maneira que, sem passar por outra coisa (não humano, técnica etc.), não se é agência humana. De modo mais claro, Callon (2008) defende que é próprio ao humano se associar ao não humano. Essas associações são híbridas ou sociotécnicas.

A ideia de “técnica” presente no termo “sociotécnica” é esclarecida por Latour (2001):

Enfim, estamos em condição de definir “técnica”, no sentido de um *modus operandi*, com alguma precisão. As técnicas, ensinam-nos os arqueólogos, são subprogramas articulados para ações que subsistem (no tempo) e se estendem (no espaço). As técnicas não implicam sociedade (esse híbrido tardio), mas uma organização semi-social que arregimenta não humanos de diferentes climas, lugares e materiais. Arco e flecha, lança, martelo, rede ou peça de vestuário são constituídos de partes e peças que exigem recombinação em sequência de tempo e espaço sem relação com seus cenários originais. As técnicas são aquilo que acontece a ferramentas e atuantes não humanos quando processados por uma organização que os extrai, recombina e socializa. Até as técnicas mais simples são sociotécnicas; até nesse nível primitivo de significado as formas de organização revelam-se inseparáveis dos gestos técnicos. (Latour 2001, p. 240).

Madeleine Akrich (1991, 1993) recorre a essa ideia de técnica como relação entre humanos e não humanos e à articulação entre tempo e espaço para formular sua proposição de sociotécnica. Para essa autora, a análise sociotécnica considera a descrição da articulação permanente entre contexto e conteúdo, entre objeto e ambiente, entre interior e exterior. De fato, a noção de “rede” evidencia a conjugação dos pares mencionados. Não há contexto de um lado e conteúdo de outro, objeto de um lado e ambiente de outro, interior e exterior. Em ação, todos esses elementos se articulam e são produzidos. A noção de “rede” enfatiza a distribuição da ação entre seus diferentes componentes, como frisa Akrich (1991) ao atentar para a relação entre humanos e objetos técnicos.

As condições midiática e comunicacional instauradas pelos objetos

Conforme Akrich (1993), os objetos técnicos adquirem sentidos apenas em relação com os humanos e certos elementos do ambiente. Como defende essa autora, ao recuperar e aprimorar a noção de “técnica” proposta por Jacques Ellul – como razão instrumental que tem no homem somente um objeto de seu desenvolvimento global –, os objetos técnicos não são apenas ferramentas ou instrumentos à serviço dos humanos, mas são mediadores, isto é, fazem fazer os humanos. Nesse sentido, a técnica é uma forma de mediação específica.

Ao atentar para como as materialidades produzem sentidos, a TAR é compreendida como semiótica material por Law (2009), pois busca descrever as relações materiais e discursivas que produzem e remodelam toda sorte de *actantes* (objetos, humanos, máquinas, animais, natureza, ideias, organizações, desigualdades, arranjos geográficos, etc.). Para Law (2009), a dimensão semiótica da TAR se refere à relação entre redes cujos elementos definem e moldam uns aos outros. Os elementos são, portanto, relações – ideia fundamentada no termo *pragmata*, tal como discutido por William James em *The Meaning of Truth* (HARMAN, 2018).

Das trocas materiais, sociais, físicas e semióticas emergem sentidos diversos, como ressaltam Akrich e Latour (1992) e Akrich (1992) ao discutirem a noção de “sociomaterialidade” (*socialmateriality*). A noção de “semiótica” na visada de ambos diz respeito ao

estudo de como o sentido é construído, sendo a palavra “sentido” tomada em sua interpretação não textual e não linguística: como uma trajetória privilegiada é construída, devido a um indefinido número de possibilidades; nesse sentido, a semiótica é o estudo da construção de ordem ou da construção de trajeto e deve ser aplicada a máquinas, corpos, linguagens de programação, bem como a textos. (Akrich; Latour 1992, p. 259, tradução nossa).¹

A proposta de uma sociologia da técnica, a partir das mediações efetuadas por objetos técnicos, para Akrich (1993), precisa considerar os mediadores e suas mediações, sem privilegiar os primeiros. A técnica opera a mediação entre o humano e o natural, o social e o

¹ *The study of how meaning is built, [where] the word ‘meaning’ is taken in its original nontextual and nonlinguistic interpretation: how a privileged trajectory is built, out of an indefinite number of possibilities; in that sense, semiotics is the study of order building or path building and may be applied to settings, machines, bodies and programming languages as well as texts.*

material. Esta é a noção de “sociotécnica”: a conjugação de humanos e não humanos, de suas relações envoltas em sentidos e materialidades. Trata-se da processualidade das associações híbridas, as quais produzem saberes (conhecimento), dispositivos técnicos e formas de organização (agenciamentos) (Akrich, 1993).

Apesar de a TAR tratar o objeto técnico conforme o que ele faz e dos efeitos de suas ações, isto é, da rede de mediações e mediadores instaurados em ação, outra perspectiva, igualmente fundada em uma ontologia plana (Jungk, 2017), a respeito também do que seja um objeto, é possível. Essa outra visão é ofertada pela Ontologia Orientada aos Objetos (OOO), projeto levado a cabo por Graham Harman (2011, 2013, 2016, 2018) com base na crítica que ele endereça ao correlacionismo kantiano.

Explicitamente vinculada à TAR, como deixa claro Harman (2016, 2018), a OOO abarca essa vertente, mas procura pensar os objetos para além de suas mediações e efeitos, pois considera que nem todos os objetos agem o tempo todo e se relacionam a todos os objetos que medeiam, em uma via de mão dupla, pois são distintos ontologicamente – ideia pouco abordada pela TAR. A OOO se inspira na filosofia da técnica e na fenomenologia a fim de apresentar uma definição própria de objeto.

A primeira inspiração, desenvolvida por Martin Heidegger, compreende que a essência da técnica não pode ser revelada por sua concepção instrumental ou antropológica, sendo toda técnica um modo de desvelamento, um modo de ser do homem no mundo. A segunda, por sua vez, calcada em Edmund Husserl, toma a fenomenologia como método de apreensão da aparição das coisas à consciência (os fenômenos). Essa visão é distinta da perspectiva de Heidegger. Com base nas duas abordagens, a OOO considera objeto “qualquer coisa que não pode ser simplificada nem além e nem aquém do que é, o que significa qualquer coisa que seja mais do que suas partes constituintes e menos do que a soma total de seus efeitos no mundo” (Harman, 2018, p. 51, tradução nossa).²

Desse modo, humanos e não humanos são considerados como objetos pela OOO. Estes podem ser humanos, demais animais, pensamentos, textos, obras de arte, objetos técnicos, entre outras possibilidades. Como sublinha Harman (2018), a noção de “objeto” para a OOO

² In OOO, by contrast, ‘object’ simply means anything that cannot be reduced either downward or upward, which means anything that has a surplus beyond its constituent pieces and beneath its sum total effects on the world.

corresponde a noção de “ator” para a TAR, no entanto, é mais ampla que esta, pois não se limita às associações entre os elementos. Para a OOO, um objeto é objeto mesmo quando não age.

Se orientar aos objetos não se trata, então, de sobredeterminá-los (*overmining*), isto é, considerá-los como importantes porque manifestos à mente humana, tão profundos e insuficientes para constituírem a realidade. Não se trata também de subdeterminá-los (*undermining*), quer dizer, tomá-los como rede de relações prévias e rasos demais para serem a própria realidade (Harman, 2011; Arnaut, 2017).

A opção pelo termo “objeto” em detrimento do termo “coisa” demarca a herança fenomenológica da OOO (Harman, 2011, 2013), tendo em vista que Husserl adota o termo “objeto intencional” (*intentional object*) para se referir aos objetos que aparecem à consciência, dotados de sentido ou essência. A esse respeito, Harman (2011) ressalta que não diferencia “objeto” e “coisa”, tal como o faz Heidegger, que fora discípulo de Husserl. Este foi criticado por aquele por reduzir o mundo simplesmente ao seu caráter fenomenológico.

Em vista disso, a OOO concebe os objetos como sendo de dois tipos: reais (existem quer afetem ou não alguma outra coisa) ou sensuais (existem apenas na relação com algum objeto real). Igualmente, as propriedades dos objetos também são duas: reais ou sensuais (Harman, 2011, 2013, 2018). Aos objetos devem ser dadas a mesma atenção, sejam eles humanos, não humanos, naturais, culturais, reais ou ficcionais. Isso não significa reconhecer que todos os objetos são idênticos em suas propriedades, pois são essas distinções que caracterizam as mudanças que ocorrem no mundo (Harman, 2018).

As relações entre objetos reais (OR) ou sensuais (OS) e qualidades reais (QR) ou sensuais (QS) configuram a noção de “objeto quádruplo” para Harman (2011, 2013, 2018), recuperada a partir de Heidegger. As quatro tensões ou permutações entre objetos e qualidades são: espaço (OR-QS), tempo (OS-QS), *eidos* (OS-QR) e essência (OR-QR). É a partir dessas quatro tensões do objeto que procuramos pensar a configuração de uma condição midiática que pode instaurar uma comunicação sociotécnica ou híbrida, isto é, não individual, atribuída a apenas um ou mais sujeitos que interagem reflexivamente (leia-se cientes um do outro).

Em trabalho anterior (Salgado, 2018), retomamos a etimologia da palavra “comunicação” a partir de Williams (1976), Debray (1993), Martino (2001, 2017), Nöth (2011) e Sodré (2014), e defendemos, por meio das contribui es da TAR, que se trata de uma a o

comum conjugada entre humanos e não humanos, por isso, sociotécnica, termo que não se limita aos objetos técnicos, mas abarca o caráter híbrido das associações, irredutíveis a um ou outro elemento. Assim, associações entre humanos e não humanos (H-NH), bem como entre não humanos e não humanos (NH-NH) são sociotécnicas ou híbridas. No mesmo trabalho, sustentamos, ainda, que a comunicação pode se dar entre não humanos, como entre os animais não humanos, entre os minerais e entre os vegetais, pois não se trata da influência mútua e recíproca de mentes ou consciências sobre outras, mas do contato e do contágio entre aqueles que agem, quer sejam humanos ou não humanos.

Naquele trabalho, ressaltamos que os estudos, pesquisas e teorias em Comunicação são herdeiros das filosofias racionalistas e humanistas que mencionamos antes, principalmente os modelos iniciais de comunicação, que se fundamentaram na sociologia funcionalista (Hohlfeldt; Martino; França, 2001; Lopes, 2003; Santaella; Nöth, 2004; França; Simões, 2016), como a Teoria Matemática, a Pesquisa de Comunicação de Massa (*Mass Communication Research*) e o Interacionismo Simbólico. De modo distinto dessas concepções antropocêntricas, com base na TAR, propusemos uma noção não humanista de comunicação, considerada, então, como comunicação sociotécnica, uma vez que admitimos que a comunicação é plural, não limitada às interações humanas, mesmo que intermediadas por objetos técnicos. Estes, como discorreremos, são mediadores, pois agem e fazem agir outros, humanos ou não (Latour, 2005).

Em vista disso, cabe realçarmos que se voltar para os objetos, em particular os objetos técnicos, não configura uma visada materialista, como frisa Harman (2016). Como ele mesmo explicita, sua proposta é tratar da relevância dos objetos para a teoria social, que ele desenvolve por meio de uma teoria imaterialista. Em contraste com a TAR, a OOO considera que não apenas tudo o que age é real, de modo que os objetos não devem ser reduzidos às suas ações, a seus componentes e aos seus efeitos (Harman, 2016). Apesar de tal autor reconhecer que as humanidades e as ciências sociais devam atentar para as mediações de objetos, para a agência humana e outras práticas sociais, ele também reconhece que tendências recentes desses campos, sobretudo a TAR, atribuem apenas duas funções aos objetos: a mediação de relações e a agência deles. O ponto cego da TAR estaria em desconsiderar as mediações entre os próprios objetos quando os humanos não estão presentes. Nesse sentido, Harman (2016) defende que uma teoria pró-objeto precisa atentar para as relações entre os objetos sem interferência humana e, igualmente, considerar que eles existem quando não estão agindo.

Cabe complementarmos a abordagem metodológica referente às quatro tensões dos objetos e suas qualidades, apresentadas antes, com duas regras da teoria imaterial sistematizadas por Harman (2016): a) as simbioses não são recíprocas – objetos formam laços com outros sem que necessariamente esses outros formem qualquer laço com os primeiros; e b) as simbioses são assimétricas – ligações fortes assim o são a fim de gerar estabilidade ao invés de movimento.

A partir das quatro tensões entre objetos e qualidades, reais e sensuais, e das duas regras do imaterialismo, podemos formular a condição midiática configurada pelos objetos, sejam eles técnicos ou não. Para isso, é adequado compreendermos o que a OOO considera como meio (*medium*):

qualquer espaço no qual dois objetos interagem, quer seja a mente humana um deles ou não. A experiência sensória humana é apenas uma zona particular ou *medium* do mundo, e possivelmente nem mesmo o mais interessante. O *medium* entre objetos é a cola que possibilita toda a carpintaria das coisas – sem ela, o mundo permaneceria um conjunto de esferas cristalinas incomunicáveis dormentes em vácuos privados. (Harman 2005, p. 91, tradução nossa).³

Como exposto, as interações entre objetos, isto é, a relação que eles estabelecem com outros objetos, é indireta e feita por meio de suas qualidades. Essa relação pode ser compreendida por meio de quatro tensões. Fundamentado naquilo que chama “carpintaria das coisas”, em contraste com a fenomenologia carnal, como as de Merleau-Ponty e Levinas, para Harman (2005), os objetos existem de modo irrestrito à experiência humana sensória e perceptiva – nisso reside a crítica ao correlacionismo kantiano. De modo mais claro, quer sejam apreendidos ou não pela mente humana, os objetos existem e interagem. O que deve ser feito, orienta Harman (2005), é a identificação do meio (*medium*) por meio do qual os objetos interagem. Para isso, é preciso ter em conta que a) a relação entre os objetos é indireta ou vicária, e b) a relação entre os objetos não se diferencia da relação do objeto com suas partes.

Na visão de Harman (2005), como podemos apreender, o meio não é configurado pela mente humana, por meio de seus sentidos e percepções, como se o humano (encarnado) fosse

³ *A medium is any space in which two objects interact, whether the human mind be one of these objects or not. Human sense experience is only one particular zone or medium of the world, and possibly not even the most interesting one. The medium between objects is the glue that makes possible the entire carpentry of things-without it, the world would remain a set of noncommunicating crystalline spheres sleeping away in private vacuums.*

o mediador principal, por meio da linguagem. O meio (*medium*) seria uma condição configurada quando objetos se relacionam, quer dizer, entram em tensão pelo fato de interagirem, independente da consciência dessa relação. Ao considerar essa modalidade de instauração, atrelada à interação entre objetos, devemos igualmente considerar quando e por qual razão os objetos interagem. Para tanto, precisamos considerar os dois aspectos ressaltados pela teoria imaterial de Harman (2016) e por aquilo que ele define como objeto, no sentido de este ser, não apenas, mas também, aquilo que ele faz e aquilo do qual ele é composto (sua materialidade) (Harman, 2011, 2018).

Com base nesses fundamentos, entendemos que o contato entre objetos não necessariamente implica em contágio entre eles. Conforme Harman (2016), a relação entre objetos pode não ser, e nem mesmo precisa ser, recíproca. As relações são assimétricas, pois os objetos se diferenciam ontologicamente (Harman, 2018), ou seja, suas qualidades reais (composição física) e sensuais (cor, cheiro, forma etc.) são distintas – essa assimetria é pouco discutida ou mesmo desconsiderada pela TAR. Ainda que não recíprocas, as relações ou interações entre os objetos produzem tensões (tempo, espaço, *eidós* e essência). O *medium* aproxima-se, de modo quase correspondente, da tensão, possibilitando-a. Nesse sentido, os objetos configuram uma condição midiática quando se associam (nas palavras da TAR) ou interagem (nos termos da OOO).

Se considerarmos a situação interacional como comunicacional, não porque humanos se encontram e se vinculam, mas porque há contato entre os objetos (humanos e não humanos), podemos questionar como fica a questão do contágio. Para a TAR, a resposta seria que todo contato implica em contágio, pois toda ação faz fazer, ainda que didaticamente essa abordagem diferencie intermediação (ação que não acarreta mudança) de mediação (ação transformadora, que faz fazer) (Latour, 2005). Para a OOO, entretanto, nem todo contato culmina em contágio. A partir disso, como passamos a discorrer, propomos que nem toda condição midiática instaura uma condição comunicacional.

Os objetos ou atores passam à ação porque foram levados a agir por outros. Ao fazerem outros agir, os objetos se configuram como mediadores, pois interferem naquilo que transportam e nos efeitos que decorrem da ação híbrida (Latour, 2005). A mediação da TAR, a ação que faz fazer, pode ser parte da tensão à qual a OOO se refere. Se assim o for, de fato, as diferentes mediações, comportadas pelos meios e por eles possibilitadas, podem produzir

tempo, espaço, *eidós* e essência. A partir da TAR, Lemos (2013) reconhece que tempo e espaço são produzidos em mediação. A partir da OOO, complementamos a visada da TAR e afirmamos que *eidós* e essência também são produzidos em mediação. Adicionamos, ainda, que as quatro tensões são produzidas quando não há mediação, isto é, transformação nos objetos ou mesmo reciprocidade nas relações.

Considerar algo como meio, então, pode significar tomar esse algo como instaurador de tempo, espaço, *eidós* e essência. O que chamamos de meios de comunicação e informação, conforme essa perspectiva não antropocêntrica apresentada, não se limita aos objetos técnicos, ainda que estes assim o possam ser considerados, pois é “meio” tudo aquilo que promove tensão. Todo objeto, conforme nossa proposta, configura uma condição midiática quando se relaciona com outros objetos por meio de qualidades reais ou sensuais. Se dissemos que a comunicação é sociotécnica, alegamos que ela também é midiática. Contudo, nem toda condição midiática é comunicacional, pois, para isso é preciso haver, além do contato, da relação ou das tensões entre objetos, o contágio, a mediação da TAR. Isso não se deve simplesmente ao fato de a comunicação poder contar com a mediação de meios de comunicação e informação, mas porque a comunicação é manifesta quando há relação, associação ou interação entre objetos (humanos ou não), que se contagiam mutuamente.

Como ação comum, a comunicação é partilhada entre todos os elementos que se relacionam, por meio da tensão entre suas qualidades reais e sensuais. Na formulação de objeto quádruplo de Harman (2011, 2018) não há possibilidade de interação mútua entre objetos (OR-OS) e entre qualidades (QR-QS), pois para esse autor, as interações se dão, sempre, entre objetos e qualidades. Ao estarem em relação, portanto, os objetos estão em tensão, pois esta só se configura quando aquela acontece. O comum, então, é estabelecido quando um meio propicia a vinculação entre objetos, que entram em contato. Essa relação é contagiante quando os objetos medeiam outros, ou seja, quando impactam na sua condição ontológica, que passa a ser irreduzível a um e a outro, pois ambos estão associados. Isso quer dizer que há contato (relação) e contágio (afetação). Há, então, comunicação.

O contato pode ou não ser recíproco. Ele, certamente, é assimétrico, quer dizer, não idêntico, pois ontologias distintas agem de modos diferentes. Apesar dessa variação nos modos de agir, o que interessa, quando analisamos uma condição que decidimos nomear comunicacional, é tratar a ação, ou melhor, a relação, em um mesmo plano ontológico, em que

humanos não precisam ser diferenciados de não humanos quanto à sua capacidade de agir, isto é, tratados como sujeitos ativos, enquanto os objetos são tomados como inertes ou passivos. Considerar as interações em um mesmo plano ontológico também não significa desconsiderar as assimetrias, mas tratar as interações como associações irreduzíveis a um ou a outro objeto ou ator.

De acordo com os elementos que se relacionam uma situação ou outra é configurada. Criticamos aqui o termo “interação” utilizado de modo mais explícito pela OOO e pontualmente pela TAR, como em Latour (2005) para se referir à ação de dois ou mais elementos, pois, de fato, toda ação é interação. Não há ação isolada; toda ação é associação, relação entre objetos (nos termos da OOO). Uma situação pode ser caracterizada como comunicacional a partir da condição midiática instaurada pela relação entre os objetos, que juntos, em comum, em contato e em contágio, produzem aquilo que é possível nomear de tempo, espaço, *eidós* e essência.

Considerações finais

Neste artigo evidenciamos que as ciências humanas e sociais passam por uma virada não humana, iniciada pelo pragmatismo norte-americano, sobretudo nas pessoas de C. S. Peirce e William James. Ambos os pensadores influenciam outras correntes que também procuram descentrar o humano das análises referentes à ação, outrora atribuída apenas aos humanos em função de concepções racionalistas e antropocêntricas, herdadas das filosofias modernas de Descartes e Kant. Este último, como abordamos, é criticado por uma das vertentes inscritas na “virada não humana”, o Realismo Especulativo, e sua visão de mundo é correlacionista. O correlacionismo demarca uma compreensão de que o mundo só pode ser apreendido em sua relação com a mente humana, de modo a conceber a realidade como aquilo que é apreendido pela consciência.

Na contramão desse pensamento antropocêntrico, apresentamos a Teoria Ator-Rede (TAR) e a Ontologia Orientada aos Objetos (OOO) como duas abordagens da “virada não humana”, que buscam pensar o humano em sua relação com o não humano, de modo a tratá-los em um mesmo plano ontológico, reconhecendo que ambos agem de modo irreduzível e simétrico, ainda que não da mesma maneira. Para a TAR, a distinção ontológica é de pouco proveito, pois humanos e não humanos agem associados, de modo sociotécnico ou híbrido.

Esse mesmo princípio de simetria é adotado pela OOO, que busca complementar a ideia de ator da TAR ao substituí-la pela noção de objeto, que se refere a qualquer coisa, quer aja ou não.

A concepção de objeto da OOO abarca a de objeto técnico da TAR. Isso significa considerar que nem todo objeto é objeto técnico, como os humanos, as árvores, os animais, entre outros. Ambas as abordagens, não antropocêntricas, possibilitaram-nos especificar as condições humana e não humana, de modo a considerar que aquilo que caracteriza o humano é a sua relação com o não humano, especialmente com os objetos técnicos, pois, em ação, humanos se vinculam a não humanos. O contrário, por sua vez, não é de todo efetuado, pois minerais, vegetais e animais independem dos humanos para agir.

Todos estes, tomados como objetos, se relacionam a outros objetos, conforme formulação da OOO, apenas por meio de suas qualidades, que podem ser reais ou sensuais. Há quatro tensões possíveis entre objetos (reais ou sensuais) e qualidades (reais ou sensuais): tempo, espaço, *eidos* e essência. Como exposto, as quatro tensões são instauradas e, ao mesmo tempo, instauram uma condição midiática, sendo o meio (*medium*) justamente aquilo que promove tensões. O meio é, como defende a OOO, aquilo que liga os objetos e possibilita a comunicação entre eles.

Para haver comunicação, alegamos que é preciso haver contato e contágio entre os objetos. De modo mais preciso, não basta que os objetos interajam por meio de suas qualidades, é preciso que objetos mediem uns aos outros, isto é, afetem-se mutuamente, o que nomeamos contágio. A OOO considera que em relação, os objetos entram em contato, mas que não necessariamente se contagiam porque a simbiose entre ambos pode não ser recíproca, ainda que assimétrica. Dosando essa abordagem a partir das contribuições da TAR, concluímos que a condição midiática pode instaurar uma condição comunicacional quando há mediação. Em outras palavras, quando objetos se relacionam, entrando em contato, e então se contagiam, por mediar uns aos outros, podemos dizer que há uma condição comunicacional instaurada. De modo sintético: o midiático pode produzir o comunicacional, o que não significa dizer que todo midiático possa ser comunicacional, conforme as visadas da TAR e da OOO.

Em uma época que sucede ao Holoceno, nomeada Antropoceno, em que a força de ação humana impacta profundamente a ação da “natureza”, a partir de emissões de níveis elevados de carbono na atmosfera em virtude de processos industriais iniciados com a máquina a vapor e a Revolução Industrial, as relações entre não humanos e humanos, ou entre inorgânico e

orgânico, passam a ser cada vez mais dependentes (Latour, 2015; Harari, 2016; Morton, 2017). Urge-se uma responsabilidade (*responsability*) para com os não humanos, como defende Morton (2007), ou como diz Haraway citada por Latour (2015), uma habilidade de responder (*response-ability*) à urgência ecológica atual que acentua o vínculo entre não humanos (minerais, vegetais e animais) e humanos.

A fim de responder a essa convocatória, ou podemos dizer intimação, tendo em vista a sobrevivência, a relação humano/não humano precisa ser pensada de outra maneira. A “virada não humana” nas humanidades e ciências sociais nos oferece essa possibilidade de descentrar o humano e incluir os não humanos. Neste trabalho, destacamos a TAR e a OOO como duas vertentes da “virada não humana”, que nos possibilitam pensar em uma composição comum do mundo por meio do entendimento da ação como coletiva ou plural, isto é, feita por humanos e não humanos, de maneira associada. Em uma mesma ação, comum a ambos, tais objetos (nos termos da OOO) entram em contato (interagem). Nesta condição midiática – posto que proporcionada por um meio (*medium*) e dele configuradora, quando medeiam uns aos outros – os objetos se contagiam e, então, comunicam. A comunicação pode ser não antropocêntrica, de modo a evitar o correlacionismo e se abrir para as diferenças, não apenas referentes ao Outro humano, mas também aos outros não humanos, que não apenas os objetos técnicos.

Referências bibliográficas

AKRICH, M. “Comment décrire les objets techniques?” In: *Techniques & Culture*, 54-55, p. 205-219, 2010. Disponível em: <<http://tc.revues.org/4999>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

__. “L’analyse socio-technique”. In: VINCK, D. (Ed.). *La gestion de la recherche*. Bruxelles: De Boeck, 1991. pp. 339-353. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00081727/document>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

__. “Les formes de la médiation technique”. In: *Réseaux*, Lavoisier, n. 60, p. 87-98, 1993. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1993_num_11_60_2368>. Acesso em: 02 fev. 2018.

AKRICH, M.; LATOUR, B. “A summary of a Convenient Vocabulary for the Semiotics of Human and Nonhuman Assemblies”. In: BIJKER, W. LAW, J. (Orgs.). *Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change*. Cambridge, London: MIT Press, 1992. Cap. 9, pp. 259-264.

ARNAUT, A. R. T. “A filosofia orientada a objetos de Graham Harman”. In: *Dialektike*, v. 2, n. 5, p. 5-20, 2017. Disponível em:

<<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/dialektike/article/view/6024/pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

CALLON, M.; LAW, J. “L’irruption des non-humains dans les sciences humaines : quelques leçons tirées de la sociologie des sciences et des techniques”. In: REYNAUD, B. *Les limites de la rationalité. Tome 2: Rationalité, éthique et cognition*. Paris: La Découverte, 1997. p. 99-118.

CORCUFF, P. *As Novas Sociologias: construções da realidade social*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

DEBRAY, R. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

DOSSE, F. *O império do sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FRANÇA, V. V.; SIMÕES, P. G. *Curso básico de Teorias da Comunicação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HARARI, Y. N. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HARMAN, G. *Bells and Whistles: More Speculative Realism*. Winchester, Washington: Zero Books, 2013.

—. *Immaterialism*. Cambridge: Polity Press, 2016.

—. *Guerrilla Metaphysics: Phenomenology and the Carpentry of Things*. Illinois: Carus Publishing Company, 2005.

—. *Object-Oriented Ontology: A New Theory of Everything*. London, England, UK: Pelican, 2018.

—. *The Quadruple Object*. Winchester, Washington: Zero Books, 2011.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JUNGK, I. V. G. “Por uma Ontologia Plana: Harman, Simondon, Peirce”. 247 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19905>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

LATOUR, B. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

—. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

—. *Face à Gaïa : huit conférences sur le Nouveau Régime Climatique*. Paris: La Découverte, 2015.

—. “Factures/fractures. De la notion de réseau à celle d’attachement”. In: MICOUD, André; PERONI, Michel. (Orgs.) *Ce qui nous relie*. La Tour d’Aigue, CRESAL, Éditions de l’Aube, 2000. p. 189-206. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/76-FAKTURA-FR.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

____. “Gabriel Tarde and the End of the Social”. In: JOYCE, P (ed.). *The Social in Question. New Bearings in History and the Social Sciences*. London: Routledge, 2002a, pp. 117-132. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/82-TARDE-JOYCE-SOCIAL-GB.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

____. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

____. “Mixing Humans with Non-Humans: Sociology of a Door-Closer”. In: *Social Problems*, v. 35, pp. 298-310, 1988. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/35-MIXING-H-ET-NH-GBpdf_0.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2017.

____. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

____. “Where are the missing masses? The Sociology of a Few Mundane Artifacts”. In: BIJKER, W.; LAW, J. (Eds.). *Shaping technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1992, p. 225-259. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/50-MISSING-MASSSES-GB.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

LATOURE, B.; STRUM, S. C. “Human social origins: Oh please, tell us another story”. In: *Journal of Social and Biological Structures*, v. 9, n. 2, pp. 169-187, abr. 1986. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/20-HUMAN-SOCIAL-GB.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2017.

LAW, J. “Notes on The Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity”. In: *Systems Practice*, v. 5, n. 4, pp. 379-393, 1992. Disponível em: <<http://www.heterogeneities.net/publications/Law1992NotesOnTheTheoryOfTheActorNetwork.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2013.

LEMOS, A. *A comunicação das coisas: Teoria Ator-Rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

LOPES, M. I. V. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARTINO, L. C. “De qual comunicação estamos falando?” In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. V. (Orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. pp. 11-25.

MARTINO, L. C. *Escritos sobre epistemologia da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MEILLASSOUX, Q. *After finitude: An essay on the necessity of contingency*. London, England: Continuum, 2008.

MORTON, T. *Humankind: Solidarity with Non-Human People*. New York: Verso Books, 2017.

NACHI, M. *Introduction à la sociologie pragmatique*. Paris: Armand Colin, 2006.

NÖTH, W. “Comunicação: os paradigmas da simetria, antissimetria e assimetria”. In: *Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 85-107, jul./dez. 2011. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38310/41151>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

QUINTANEIRO, T.; OLIVEIRA BARBOSA, M. L.; OLIVEIRA, M. G. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

SALGADO, T. B. P. “Fundamentos pragmáticos da Teoria Ator-Rede para análise de ações comunicacionais em redes sociais online”. 2018. 292 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Comunicação e semiótica*. São Paulo: Hacker Editora, 2004.

SODRÉ, M. *A Ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STRUM, S. C.; LATOUR, B. “Redefining the social link: from baboons to humans”. In: *Social Science Information*, v. 26, n. 4, p. 783-802, dez. 1987. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/30-STRUM-LATOUR-SOCIAL-GB.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2017.

VRIES, G. *Bruno Latour*. Cambridge, UK; Malden, MA: Polity Press, 2016.

WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1976.